



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

## A AVALIAÇÃO: DESVELANDO A CATEGORIA

Vicente Cabrera Calheiros  
Fabrício Krusche Ramos  
Maristela da Silva Souza

### Resumo

*Este trabalho tem como objetivo discutir a respeito das relações que se estabelecem entre a avaliação, a escola e o modo de produção capitalista, a fim de construir uma visão mais ampla da categoria avaliação. Para isso, nos fundamentaremos em autores da educação e da Educação Física, buscando elementos críticos com relação ao tema.*

*Palavras-chave: Educação Física escolar, avaliação, capitalismo.*

### Abstract

*This study aims to discuss about the relationships established between the evaluation, the school and the capitalist mode of production in order to build a broader category of assessment. To this end the authors base in education and physical education, seeking critical elements with respect to the subject.*

*Keywords: physical education, assessment, capitalism*

### Resumen

*Este trabajo tiene como objetivo discutir sobre las relaciones que se establecen entre la evaluación, la escuela y el modo de producción capitalista con el fin de crear una categoría más amplia de la evaluación. Para ello, los autores fundamentaremos en la educación y la educación física, en busca de los elementos críticos con respecto al tema.*

*Palabras clave: educación física, la evaluación, capitalismo*

## INTRODUÇÃO

Inúmeros são os trabalhos de Educação Física que versam sobre a questão da avaliação sob a forma de monografias, dissertações, teses, artigos em periódicos entre outros. Essa extensa produção demonstra que a realidade sobre a avaliação é problematizada e demanda constantes análises. Grande parte destes estudos discutem a respeito da avaliação apenas nas suas relações singulares, não estabelecendo os nexos entre a escola e o modo de produção capitalista (SILVA, 2010). Ponto que para nós é de vital importância.



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Em nossa opinião, indo de acordo com Hoffmann (1988), a avaliação se constitui enquanto um dos grandes entraves à nossa prática pedagógica visto a busca incansável por padrões de mensuração. Acreditamos ser um problema que se apresenta na esfera prática e por isso há a necessidade de teorização, no sentido de problematizarmos e buscarmos instrumentalização para construirmos possibilidades de qualificarmos a nossa prática com distintos entendimentos e alternativas.

Não pretendemos neste trabalho, realizar uma revisão dos conceitos/entendimentos a respeito da categoria avaliação na Educação Física presentes na literatura. Pretendemos, a partir de alguns autores, discutir as relações que se estabelecem entre a avaliação, a escola e o modo de produção capitalista. Para alcançar nosso objetivo, iremos dialogar a partir de Freitas (1995), que compreende a avaliação enquanto categoria central para assegurar a função social que a escola tem na sociedade capitalista.

Entendemos ser necessário conhecermos os caminhos percorridos pela avaliação no âmbito escolar, demonstrando o papel vital que esta cumpriu aos interesses hegemônicos presentes na dinâmica social. Nesse sentido, para este trabalho, iremos discutir com autores que tratam desta temática tanto no campo da educação como no da Educação Física. Objetivamos construir uma visão mais ampla acerca da complexidade da categoria avaliação. Não nos limitaremos apenas a suas singularidades, pois acreditamos ser necessário enxergar suas particularidades e generalidades, como também, suas inter-relações. Com isso poderemos sair das discussões que segundo Esteban (2001) dão ênfase ao como fazer, centrando suas análises nas questões técnicas. Estas análises superficiais se colocam dentro do que Moraes (2001) aponta como um *recuo da teoria*. Para a autora provavelmente a “causa mais imediata desta marcha-ré intelectual e teórica esteja na definição e efetivação das próprias políticas educacionais, em nível nacional e internacional” (Op. Cit. p. 10). Neste sentido é evidente que por trás da polêmica sobre o papel que a avaliação cumpre na sociedade, na escola e na vida dos alunos existe um reducionismo técnico que omite o estudo dos amplos significados que se escondem nesta prática (Barriga, 2001).

A partir desta contextualização, sentimos a necessidade de conhecer melhor a temática da avaliação, visto que, segundo Coletivo de Autores (1992) as explicações teóricas sobre este tema vêm apresentando limitações, pois, são referenciadas em teorias tradicionais, insuficientes para a compreensão deste fenômeno educativo.

## DESVELANDO A AVALIAÇÃO

Não pretendemos elaborar um mosaico de conceitos sobre avaliação, mas entendemos ser importante trazer o que vem sendo defendido no processo de produção de conhecimento sobre o tema. Autores, na área da Educação Física como Matsudo (1982), Mathews (1985), Kiss (1987), defendem uma avaliação com forte teor esportivista/biologicista. Nesta perspectiva, aplicam-se testes de forma mecânica, descontextualizada e aleatória, tendo o objetivo de avaliar a aptidão física



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

tendo como conteúdo hegemônico o esporte. Estes autores compreendem que a avaliação consiste em aplicar testes em prazos determinados (no final do processo letivo), devendo ser quantitativa, envolvendo a medição dos alunos. Existe, para estes autores, um modelo ideal e um desempenho esperado, e os testes vem a fornecer as informações quantitativas que devem ser comparadas com uma tabela, norma ou padrão pré-estabelecido. Ainda nesta perspectiva, Popham (1977), entende que a avaliação se reduz ao simples ato de medida, onde o professor se utiliza de técnicas de coleta de dados.

Salvia e Ysseldyke (1991, p. 13), compreendem a avaliação como “um processo de coleta de dados com dois propósitos: primeiro especificação e verificação de problemas, segundo, tomada de decisões sobre e pelos alunos.

Já de acordo com Hiraga e Pellegrini (2009), a preocupação da avaliação está em avaliar a forma ou a qualidade na execução da tarefa/exercício (aspectos biomecânicos da ação motora), assim como, avaliar o resultado da execução da tarefa/exercício proposto no teste. Percebemos que se avalia então o processo e/ou o produto. Propõem a utilização de instrumentos que focalizem a avaliação das habilidades motoras fundamentais, baseados nos estudos de Gallahue (2005), entre outros.

Para Luckesi (2006), o nosso exercício pedagógico esta atravessado por uma pedagogia centrada no exame ao invés de ser uma pedagogia do ensino-aprendizagem, demonstrando claramente que o interesse não esta na aprendizagem dos estudantes, e sim na construção de personalidades submissas. Contribui-se também para a seletividade, hierarquização, sendo uma prática autoritária. A avaliação, não estando descolada da realidade, não se dá, nem se dará no vazio, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e de educação traduzido em prática pedagógica. Ela pode assumir contornos contraditórios, sendo instrumento de progresso, assim como, pode se tornar classificatória, autoritária, dificultando o conhecimento e a autonomia dos estudantes.

Acreditamos que a correlação de forças dentro destes contornos é desigual, visto a predominância da utilização da avaliação enquanto instrumento de controle/poder nas mãos dos professores, reproduzindo a lógica do capital. Nesta perspectiva, dialogando com Hoffmann (1988) acreditamos ser um massacre aos estudantes o constante uso de testes e outros procedimentos falhos no que diz respeito a um entendimento mais amplo da sua aprendizagem.

A ênfase nestas questões tem servido para confundir, para ocultar as reflexões sobre a avaliação, o que acaba por reforçar a função seletiva, disciplinadora, meritocrática, e etc. Funções estas assumidas primeiramente pela escola. Isso consolida a legitimação do fracasso escolar, a discriminação, a evasão e expulsão dos alunos, principalmente daqueles oriundos das classes populares, a partir dos instrumentos de medida (COLETIVO DE AUTORES, 1992).



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Este processo de avaliação vem no sentido de verificar se os objetivos da escola capitalista foram alcançados. No interior da escola, existe um espaço conhecido como sala de aula. Este espaço foi convertido no local apropriado para que os indivíduos se acostumem com as relações sociais do processo de produção capitalista, como por exemplo, a relação hierárquica que ocorre entre aluno e professor; o padrão estético da turma (classes em fileiras); a relação de competição que se estabelece entre os alunos (quem tira a melhor nota); movimento corporal em sala de aula confundido com indisciplina.

Para Enguita (1989, p. 31), a escola tornou-se “no espaço institucional adequado para preparar as crianças e os jovens para o trabalho”. Cabe colocar que existem distintos postos de trabalho na sociedade, os quais são ocupados por homens e mulheres que se distinguem, predominantemente, por sua origem de classe. Percebemos que a avaliação tem um papel central para garantir o andamento desta lógica.

**DIALOGANDO COM FREITAS: Relação Objetivos-Avaliação e a escola capitalista.**

A escola é uma instituição social construída historicamente em resposta aos interesses de uma classe (ENGUITA, 1989; MANACORDA, 1992, 2010) sendo utilizada enquanto instrumento de distinção social. A entrada das classes populares neste espaço se deu frente à necessidade do capital em instrumentalizar os trabalhadores a partir das transformações técnico-científicas ocorridas com a Revolução Industrial. A organização atual do trabalho não existiu sempre, para Enguita (1989), elas começaram a ser implantadas ao final do século XVIII e início do século XIX. São, portanto, produtos sociais construídos historicamente cujas condições devem ser constantemente reproduzidas. Nesse processo, a escola como a conhecemos foi (re)inventada. Para Escobar (1997, p. 94) esse movimento teve como objetivo alcançar a “submissão ativa que o trabalho industrial exige do operário assalariado, garantindo-se a obediência, a disciplina, a pontualidade, a ordem, e isso torna a escola uma instituição privilegiada para exigir esses “méritos” educativos necessários ao processo de trabalho produtivo”.

Entendemos ser importante esta breve discussão no sentido de que a conjuntura política, econômica, é a continuidade de um movimento histórico, não havendo possibilidades de compreendê-la focando nossa atenção apenas nos elementos que se apresentam no quadro presente.

Kosik (2011) nos diz que a realidade de um fenômeno, de um fato, é a unidade entre a aparência e a essência. Não podemos permanecer analisando estas relações (avaliação) apenas no campo das aparências, temos que buscar construir uma análise atenta a fim de buscarmos a essência desta categoria.

A lógica da avaliação não é diferente da lógica da escola e da educação, que estão alinhadas com os interesses sociais hegemônicos. Os procedimentos de avaliação estão intrinsecamente articulados com a forma que a escola assume “(...) como instituição social, o que, em nossa sociedade, corresponde a determinadas funções: hierarquizar, controlar e formar os valores



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

impostos pela sociedade (submissão, competição, entre outros)” (FREITAS, 2003, p. 46). Percebemos que estas funções “incorporadas” pela avaliação, respondem aos objetivos assumidos pela escola. Neste sentido, de acordo com Escobar (1997), ela é o elemento determinante do processo pedagógico para delimitar os aspectos disciplinar, instrucional e de hábitos de valores, revelando os verdadeiros objetivos da escola, que nem sempre são proclamados.

Nesta perspectiva o que está em jogo não é o aprender para intervir na realidade, e sim, para responder efetivamente ao professor a partir dos trabalhos, provas, e etc. Para Freitas (2003), o centro da aprendizagem é a aprovação do professor. Para este autor, o campo da avaliação está perpassado por três componentes, sendo eles, o aspecto instrucional (ligado aos conteúdos trabalhados), o comportamental (obediência às regras estabelecidas pelo professor, estando estas em consonância com os interesses do capital) e o de valores e atitudes. A articulação entre estes componentes é um potente fator de aceitação da submissão nos alunos frente à negação do desenvolvimento pleno das suas capacidades, assim como cria uma estrutura de poder na sala de aula que apóia o controle do professor sobre a turma. Freitas (2003) nos esclarece ainda que a avaliação ocorre, em dois planos, sendo um formal e outro informal. Neste sentido, a nota constitui-se enquanto o campo predominantemente formal (trabalhos, provas, e etc.), e os juízos (construídos pelo professor ao longo do processo letivo) o campo predominantemente informal. Eles estão articulados no sentido de que, entre o campo formal e o informal, estão os três aspectos citados acima.

Percebemos com isso que a construção da nota, enquanto expressão numérica ou conceitual, tem em si muito mais do que aquilo que o aluno aprendeu a partir dos conteúdos escolares. Para Hoffmann (1988), não é o aluno que tira uma nota, ou que alcança um conceito, e sim o professor que elabora um parecer, atribui uma nota. Neste sentido, este professor é conivente com a construção de uma realidade escolar, seletiva e excludente, estando alinhado com os objetivos escolares no capital.

Compreendemos que a escola tem seus objetivos (função social) centrados na reprodução das relações sociais necessárias à manutenção da ordem capitalista. A avaliação é a guardiã dos objetivos, a “encarnação” da função social capitalista para a educação. É a avaliação que concretiza os objetivos, e de acordo com Freitas (1995), sem a avaliação os objetivos seriam sempre uma abstração. Dialogando com Escobar (1997, p. 113), a avaliação, assim como os objetivos “(...) estão dados pela natureza da organização do trabalho pedagógico, que reflete o projeto histórico hegemônico”.

O reflexo destas relações na escola e, principalmente, na avaliação é a construção de um instrumento perverso da ideologia dominante, visto que sua forma determina aqueles que farão parte da classe dominante e da classe dominada (SILVA, 2010), o que acarreta na criação de uma hierarquia no âmbito escolar, refletindo o movimento do capital. Para Escobar (1997), o objetivo da avaliação é o de hierarquizar os alunos, estimulando a (desigual) competição, distribuindo



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

desigualmente as oportunidades escolares e sociais. Para Ramos (2006), sua forma gira em torno de regular, verificar, medir para excluir e hierarquizar os conhecimentos e os estudantes no processo pedagógico da escola, concretizando a função social atribuída à escola pelo capital. Esta hierarquia é produzida/legitimada pela avaliação através de quatro pontos que, para Freitas (1995, p. 242) são:

1-Manutenção propriamente dita das classes dominantes em profissões nobres; 2-Eliminação adiada, ou manutenção provisória das classes populares em profissões menos nobres; 3. Manutenção adiada, ou exclusão pura e simples das camadas populares do interior da escola, ou seja, a evasão; 4. Eliminação propriamente dita (privação), no sentido de impedir o ingresso das camadas populares na escola.

Portanto, a categoria avaliação, para Freitas (1995) “é a mais decisiva para assegurar a função social que a escola tem na sociedade capitalista. A avaliação e os objetivos da escola/matéria são categorias estreitamente interligadas. A avaliação é a guardiã dos objetivos. Os objetivos, em parte, são diluídos, ocultos, mas a avaliação é sistemática (mesmo quando informal) e age em estreita relação com eles” (p.59).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do conhecimento mais aprofundado, nos é possível construir um entendimento mais elaborado, para sairmos do senso comum e entendermos que avaliação não se reduz a uma mera formalidade expressa em números, realizada de maneira aleatória e sem posição ideológica.

Através da discussão com alguns autores, percebermos que muitas vezes nos preocupamos mais em cumprir com o “protocolo” do que com a apropriação do conhecimento pelo estudante. A constituição da escola e sua(s) forma(s) de avaliação são o resultado de uma luta de classes e das disputas de projetos políticos concretizados pelas diferentes classes que atuaram ao longo da história.

Freitas (2003) aponta que a sala de aula é uma construção histórica, possuindo finalidades claras de internalização de determinadas relações sociais vigentes na sociedade que a cerca, ou seja, a sociedade capitalista.

No trabalho pedagógico desenvolvido na escola, a área da Educação Física, contribui, através de seu processo de avaliação, para firmar o aspecto classificatório dos objetivos da escola capitalista.

Para Ramos (2006), através de uma organização pedagógica baseada nos princípios competitivos e produtivos do esporte, a Educação Física Escolar passa a assumir a função social seletiva e preparatória para as relações sociais de produção. Objetivos, métodos e conteúdos são selecionados no sentido de organizar uma prática pedagógica que determina a hierarquia do mais forte, apresentando o processo de avaliação como um meio de sustentação desta lógica.



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Escobar (1997), em estudo sobre avaliação no processo da prática pedagógica do professor de Educação Física, em observação direta de aulas, constata que aparecem maneiras informais e formais de avaliar. De forma saliente, no processo informal de avaliação, a ação do professor sobre os valores do aluno aparece a partir da punição, a qual, surpreendentemente, apareceu, também, na própria relação dos alunos entre si, onde os mesmos sofreram uma constante pressão para moldar ou mudar seus valores, pressão patenteada na desconsideração das suas motivações e na repressão da sua espontaneidade e dos seus desejos. “O professor desenvolveu esse processo através de atitudes de indiferença pelo desempenho do aluno, pelo uso do silêncio como exteriorização da sua reprovação – aplicação do ‘gelo’ -, pela negação de chances de manifestação pessoal, pela desvalorização do esforço pessoal, pelo oferecimento de melhores condições de exercitação aos maiores, mais fortes e mais hábeis” (p.144).

Portanto, estudar avaliação e especificamente avaliar em Educação Física vai além da questão meramente técnica. Exige sim, um processo de entendimento de relações que passam pela singularidade do ato de avaliar até os objetivos que a regem e que conseqüentemente são norteados pelos objetivos da escola capitalista.

## REFERENCIAS

BARRIGA, Ángel, Díaz. Uma polêmica em relação ao exame. *In.* O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

ENGUITA, M. A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ESCOBAR, Micheli Ortega. Transformação da didática: construção da teoria pedagógica como categorias da prática: experiência na disciplina escolar educação física. São Paulo: UNICAMP, 196 p. (Tese de Doutorado), 1997.

ESTEBAN, Maria Teresa. O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREITAS, Luiz Carlos de. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática – Campinas, SP: Papyrus, 1995. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FREITAS, Luiz Carlos de. Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas. São Paulo: Moderna. 2003 – (Coleção cotidiano escolar).



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

HIRAGA, Cintia, Y, PELLEGRINI. Ana Maria. Coordenação motora: da teoria à prática. *In: Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.* [organizado por] Dante De Rose Jr.; Alessandro H. Nicolai Ré... [et al.]. -2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009. 256 p.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação. – Porto Alegre: Mediação, 1988.

KISS, M.A. M. Avaliação em Educação Física. São Paulo: Manole, 1987.

KOSIK, karel. Dialética do concreto. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LIMA, Marcos AntonioMartis. Pantometria, psicometria, docimologia e avaliação científica: uma trajetória histórica para a avaliação educacional até a era contemporânea. *In: Epistemologias e Metodologias para a avaliação educacional: múltiplas visões e abordagens.* Marcos AntonioMartis Lima e Marcos Marinelli [organizadores]. – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. – 18. ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

MANACORDA, Mario Alighiero. Marx e a pedagogia moderna. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. 2ª Edição.

MANACORDA, Mario Alighiero. História da educação: da antiguidade aos nossos dias. – 3. Ed. – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. – (Coleção educação contemporânea. Série memória da educação).

MATHEWS, D. K. Medidas e avaliação em Educação Física. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

MATSUDO, V. K. Testes em ciências do esporte. São Caetano do Sul: CELAFISCS, 1982.

MORAES, Maria Célia M. de. Recuo da Teoria: dilemas na pesquisa em educação. *Revista Portuguesa de Educação*, ano/vol. 2001/14, número 001. Universidade do Minho, Braga, Portugal. pp 7 – 25.

POPHAM, W. J. (1977). Manual de avaliação. Petrópolis: Vozes.

Acessado em 24/06/2012, no link: [lisane.pro.br/Disciplinas/Praticas3/Material/Artigos/avalia\\_educ\\_fisic.pdf](http://lisane.pro.br/Disciplinas/Praticas3/Material/Artigos/avalia_educ_fisic.pdf)

RAMOS, V.. Políticas públicas e avaliação: onde estamos para onde vamos? *Pensar a Prática*, América do Norte, 2, nov. 2006. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/feff/article/view/151/137>. Acesso em: 26 Out. 2010.



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

SALVIA, J, YSSELDYKE, J. Avaliação em Educação Especial e Corretiva. Tradução Doris Sanches. 4. ed. São Paulo: Manole, 1991.

SILVA, Alcir Horácio. A organização do trabalho pedagógico e a avaliação da aprendizagem na educação física no Colégio de Aplicação da UFG [recurso eletrônico] / Alcir Horácio da Silva. – 2010.

Endereço: Av: Itaimbé, 655, ap: 401  
Santa Maria, centro, cep: 97050-331

[souzamaris@bol.com.br](mailto:souzamaris@bol.com.br)

